UM CONTO DE CHRISTIE GOLDEN

DE PEDRA EM PEDRA

HISTÓRIA
CHRISTIE GOLDEN

ILUSTRAÇÕES
NESSKAIN

VISUAL SYMMETRA MARAMMAT
E CONCEITOS ORIGINAIS
ARNOLD TSANG

MODELO DO VISUAL SYMMETRA MARAMMAT
DONALD PHAN

MODELO ORIGINAL DE SYMMETRA
RENAUD GALAND

LAYOUT E DESIGN
MARK BRYNER

TRADUZIDO POR
BRUNO GALIZA; MARIANA BARROS

DE PEDRA EM PEDRA

“Será”, perguntou Sanjay Korpal com a voz cheia de esperança, “que não foi um terremoto conveniente?”

Por um instante, Satya Vaswani se perguntou se era uma metáfora, mas não. Sanjay, um dos mais proeminentes negociadores da Corporação Vishkar, queria dizer literalmente.

“Absolutamente nenhuma atividade sísmica”, disse Harita Patel, a geóloga-chefe. “Foi por isso que abrimos o chão onde abrimos. Você deve lembrar que eu avisei...”

“*Poderia* ter sido um terremoto conveniente?”

Harita parecia cada vez mais inquieta. “Infelizmente é pura e simples causa e efeito. Nosso avanço foi agressivo; muito extenso, muito rápido. As vibrações da construção concentrada são diretamente responsáveis pelos estragos. Todos estão... hm... muito bravos, senhor.”

Sanjay suspirou. “Tentamos nos estabelecer lá por muito tempo. Nós não precisávamos de um inconveniente desses tão cedo, depois do Rio.”

“Nós”, claro, era a Corporação Vishkar. “Lá” se referia à área praticamente abandonada da cidade de Roshani do outro lado do rio; “inconveniente”, à imagem que Satya tinha à sua frente.

Um pequeno holograma flutuava acima da mesa. A imagem ficava mudando entre o que fora — uma ômnica de pedra sentada de pernas cruzadas sobre uma flor de lótus com as mãos unidas pousadas sobre o peito — e uma pilha de pedras ao redor de um torso decapitado.

“Bem, é mais que um inconveniente”, observou Tamir Chada, relações públicas. “Isso pode pôr o contrato inteiro a perder. Não foram só danos materiais.

Sanjay tem razão — a situação toda vai ser vista como um insulto. Se não consertarmos e deixarmos tudo perfeito, vamos ter que dar adeus à expansão na área."

"Felizmente", redarguiu Sanjay, voltando os olhos para Satya, "temos a melhor arquiteta de luz sólida do mundo bem aqui na Vishkar. Você nasceu em um vilarejo como Suravasa, Satya. Claro que você vai se oferecer para ajudar, não vai?" Era uma pergunta retórica, e Satya sabia disso. "Se não tivermos você cuidando disso quanto antes..."

"Imediatamente", corrigiu Tamir. "*Para ontem*."

"Vamos perder essa oportunidade. Temos que dar algo de peso a Suravasa para mostrar que ficamos aborrecidos por danificar sem querer algo tão valioso para eles."

Não estamos aborrecidos com isso, pensou Satya, mas não disse nada. Ela já estava habituada a isso na Vishkar.

"Vamos mandar você agora", disse Sanjay. "Descubra o que eles querem. Um retiro, uma quantia vultosa para a restauração — podemos até reconstruir o templo nós mesmos. Seja qual for o custo, é uma gota no oceano, comparado à perda dos direitos de construção."

"Gota no oceano" era uma das expressões que, assim como "dar adeus" à expansão, confundiam Satya quando ela era mais nova. Não havia oceano, não havia gota e certamente não havia ninguém dando tchauzinho. Àquela altura, contudo, ela já tinha aprendido a... qual era mesmo a expressão? "Seguir o fluxo."

"De quem era a imagem?", indagou Satya, olhando de novo para o holograma. Para o pescoço partido, para a cabeça arrancada. Ela desviou os olhos. Tudo fora de ordem.

"Hm... " Sanjay se virou para Tamir.

"Aurora", disse Tamir, consultando suas anotações.

Aurora. A primeira ômnica com consciência, que se sacrificou para garantir a consciência a todos os outros. "Ela era mais que uma ômnica famosa", disse Satya. "Eles não vão querer dinheiro. Temos que oferecer algo melhor."

“O seu trabalho é descobrir isso e fazer acontecer, Satya”, salientou Sanjay. Com ternura nos olhos, ele ofereceu a ela um sorriso dos mais gentis. “Eu sei que você é capaz. Faça o que for necessário.”

“Não queremos nada com a Corporação Vishkar”, disse o sarpanch Ranesh Grewal, líder do governo de Suravasa. “Vocês já fizeram o bastante.”

De alguma maneira, todos ficaram sabendo da chegada de Satya e do que ela viera fazer ali. Grewal apareceu acompanhado de uma turba mal-encarada para confrontá-la. As paredes de pedra pintadas de coral lançavam sombras sobre as outras áreas, e os habitantes e a intrusa permaneciam de pé junto do líder no pátio de piso xadrez, próximo de uma das entradas do templo. O sol os castigava impiedosamente, e os domos dourados da construção reluziam tanto que era impossível olhar direto para eles. Era possível divisar a mesma raiva que se manifestava no semblante de Grewal nas expressões dos outros. Havia ômnicos também. Pelo menos *eles* não estavam gritando com ela.

“Foi por causa do que aconteceu que eu vim oferecer ajuda”, argumentou Satya.

“Para quê? Construir um arranha-céus de luz sólida azul brilhante? Você acha que é isso que nós queremos?”

“Eu não *sei* o que vocês querem”, respondeu Satya sem rodeios.

“Claro que não!”, gritou alguém.

“A Vishkar não se importa com nada!”, berrou outro.

“*Eu* me importo”, asseverou Satya. A imagem da estátua em cacos, despedaçada e decapitada, estava gravada na mente dela. “Posso ao menos entrar no templo?” Vendo que o sarpanch hesitava, ela acrescentou, “Achei que todos fossem bem-vindos aqui.”

Um dos ômnicos que estava logo atrás, envolto em uma túnica modesta, estendeu o braço na direção do templo. Satya agradeceu inclinando a cabeça e passou pelas portas de madeira, sentindo o peso dos olhos da multidão furiosa às suas costas.

Apenas velas iluminavam o interior do templo, notavelmente mais fresco. As paredes não eram pintadas do mesmo coral caloroso que o exterior, e sim decoradas com baixos-relevos de peixes e tigres. Em alguns lugares, as pedras tinham se partido, chacoalhadas por terremotos, e assentado novamente; rachaduras marcavam as paredes, o teto e as pedras.

Uma fragrância sutil permeava o lugar, como se as pedras tivessem absorvido o cheiro. *Incenso.* O aroma evocava a única lembrança boa que ela guardava da infância: as visitas ocasionais a templos pacatos. Eram tão raras que ela tinha quase esquecido.

“É verdade, você não sabe o que queremos.” A voz tinha um som metálico, certamente não era humana. Parte dela era áspera, feito unhas contra uma lousa. Por baixo disso, no entanto, havia algo de apaziguante. O ômnico que se postou ao lado dela era o mesmo que havia permitido sua entrada. “*Ninguém* sabe o que outra pessoa quer sem conhecê-la.”

“Você é sacerdote daqui?”, quis saber Satya.

“Apenas um peregrino. Meu nome é Zenyatta. A Vishkar assumir a responsabilidade que lhe cabe é de muito bom-tom. Porém, não significa nada se a ajuda não... ajudar de fato.”

“Eu quero fazer com que ela ajude.” Os dois seguiram pelo corredor.

“Se assim desejar, eu posso ajudar você a compreender nosso povo, nossa fé e nossa comunidade. Você é bem-vinda para ficar conosco.”

“Ficar?” A reação soou mais ríspida do que Satya pretendia. “Aqui?” Lembranças da pobreza desesperadora da infância se espalharam pela sua mente. O mau cheiro, as pessoas amontoadas, as barrigas vazias, a água turva para beber.

A incapacidade de seus pais de fazer qualquer coisa para mudar tudo aquilo. “No templo”, explicou Zenyatta. “Como os peregrinos.”

“Eu não sou peregrina”, observou Satya. “Sou arquiteta.” Ela estava ali a trabalho. Era importante que eles entendessem.

Zenyatta encolheu os ombros metálicos. “O que é um peregrino senão alguém que embarca em uma jornada a um lugar sagrado? A palavra não importa. Você, Satya Vaswani, *vai* ficar?”

O convite deixou Satya apreensiva. Ela tinha rotinas estabelecidas, que garantiam sempre ordem e tranquilidade numa parte de sua vida. Mesmo em hotéis, Satya passava parte do tempo sozinha, agarrando-se aos seus hábitos como podia.

Zenyatta prosseguiu. “Dizem que seus projetos observam ao máximo o propósito do que será construído. Não há vergonha nenhuma em não compreender o propósito deste templo, senhorita Vaswani. Todos somos criados simples e ignorantes.”

Satya não tinha como contra-argumentar. Ela sabia sobre Aurora, mas não a fundo, como os ômnicos. Quando Sanjay sugeriu um retiro ou apenas dinheiro, ela soube instintivamente que não daria certo. Recusar o convite, ao que parecia, também não.

“Eu... vou tentar”, respondeu ela.

“Toda empreitada nasce da disposição para tentar”, disse Zenyatta.

O corredor se abria em uma passagem agradável. Árvores davam uma sombra bem-vinda. Um sacerdote ômnico se aproximou, acenou educadamente com a cabeça para Satya e se curvou diante de Zenyatta.

“Paz, Tekhartha”, disse, e seguiu em frente.

Satya observava Zenyatta. “Apenas um peregrino”, provocou ela. “Parece mais que você manda aqui.”

“Ninguém ‘manda’”, respondeu ele com uma risada reverberante. “Em nada. Eu voltei há pouco para cá, no intuito de meditar sobre os ensinamentos do meu mestre, Tekhartha Mondatta. Só que, quando conheci você, vi outro propósito à minha espera.”

“Eu ouvi falar de Mondatta. Ele foi assassinado”, relembrou Satya.

“Sim”, respondeu Zenyatta, aparentemente sem se incomodar com a observação direta.

“Antes, eu nem sabia que os ômnicos morriam. Vocês são máquinas; para mim, era só trocar as peças.”

“Em teoria, sim. Contudo, ainda não há peças de reposição para uma alma, seja ela humana... ou ômnica.”

Os ômnicos *tinham* alma? Era uma questão muito complexa, Satya precisava de tempo para refletir sobre aquilo. Ela retomou a conversa sobre Mondatta. “Ele foi assassinado”, prosseguiu ela. “Eu não entendi por quê. Ele não estava promovendo a violência.”

“Mondatta abominava a violência. Muitos, inclusive eu, acreditam que ele foi morto por aqueles que reprovam a construção de pontes entre humanos e ômnicos.”

“Construção...? Ah, sim”, pescou Satya. “A primeira ponte em que pensei foi uma literal.”

“No início, eu também era muito literal. Ainda que os ômnicos compartilhem a consciência dos humanos, eu os achava inescrutáveis. Eles sempre diziam coisas como ‘dar uma mão’, ‘o gato comeu sua língua’. Só que as mãos humanas

são de carne, não de metal. Como elas podem ser dadas a alguém? Como um gato poderia obter a língua deles? Línguas são removíveis? Essas coisas criaram imagens mentais que permaneceram comigo por muito tempo!”

Satya riu e confessou: “Isso ainda acontece comigo, às vezes.”

Ele inclinou a cabeça para se aproximar dela e sussurrou em tom conspiratório: “Comigo também.”

O caminho culminava em uma escadaria que levava a uma área ampla coberta por um domo, claramente o santuário principal.

A base sobre a qual a estátua estava era circundada por um pequeno espelho d’água, com passagens que levavam direto para ela. Outros peregrinos — alguns humanos, a maioria ômnicos — estavam sentados em almofadas na mesma posição que a estátua. Ou melhor, na posição em que a estátua costumava ficar.

Satya se sentiu incomodada observando os destroços. Uma coisa era ver uma representação holográfica em tamanho reduzido daquela cena na sala de reuniões asséptica, quase estéril, da Corporação Vishkar. Ver em grandes proporções — enormes proporções, na verdade —, diante de seus olhos, era bem diferente. Ela observava os braços despedaçados, a cabeça destroçada. A arquiteta se deu conta de que a Vishkar a enviara tão rápido que a limpeza ainda não tinha sido feita.

“Deve ser angustiante para vocês”, ponderou ela. “Ver sua divindade assim, em pedaços.”

“Aurora não era uma divindade”, corrigiu Zenyatta com gentileza. “Ela era exatamente igual a nós... exceto por ser a primeira.”

Satya tentou se concentrar no rosto da estátua, não na destruição e na poeira ao redor. “Vocês não oram para ela?”

“Não”, elucidou Zenyatta. “Nós refletimos sobre a vida... e a morte dela. Nós ofertamos gratidão pelo sacrifício que ela fez, pela dádiva que ela nos concedeu. A estátua tinha uma grande semelhança física com ela. Contudo, não refletia quem ela *era*. Aurora era curiosa. Ela queria aprender — sobre o mundo, sobre as pessoas.”

“Entender o que torna os humanos... humanos”, refletiu Satya.

Zenyatta assentiu. “A primeira de nós a se debater com essa questão. E, vez ou outra, nós ainda nos debatemos. Todo ômnico vê nela uma parte de si.”

Eu também, pensou Satya, mas não disse nada. Como teria sido ser a primeira ômnica, subitamente lidar com o peso da consciência de si? Tentar compreender o sentido de... *tudo?*

“Deve ter sido quase impossível, sem nenhum precedente para se nortear. O jeito dela — o seu jeito — de pensar deve ser muito diferente do nosso.”

“Não é preciso compreender como alguém pensa para respeitar, ou até amar essa pessoa”, notou Zenyatta. “Ou para simplesmente ser amigo dela. O templo era um lugar em que Aurora era bem-vinda e aceita como era, sem julgamentos.”

“Mesmo assim... ela não ficou.”

“Não.” A voz metálica, reverberante, entristeceu-se; Zenyatta deixou a cabeça pender um pouco. “Aurora tinha outro destino, outra jornada, que foi seguida por muitos desde então. Você sabia que este templo agora é a primeira parada de uma rota de peregrinação inspirada nela?”

“Não.”

“Aurora se tornava maior a cada lugar que visitava, cada pessoa que conhecia. A jornada física a levou ao Nepal; a espiritual, a um lugar de tanto

desprendimento que ela seria capaz de se sacrificar em nome da mera possibilidade de nós também experimentarmos a consciência."

"Espere... Ela não sabia que ia funcionar?" Satya estava surpresa. Sacrificar-se pelos outros era sempre nobre. Escolher um caminho de incerteza — sabendo que, tendo ou não êxito, ela cessaria de existir — fazia de Aurora a figura mais corajosa de que ela já ouvira falar.

Zenyatta balançou a cabeça. "Ninguém sabia com certeza. Era possível que ela morresse tentando... e que qualquer possibilidade de consciência ômnica morresse com ela. Talvez agora você compreenda melhor por que ficamos tão desolados quando a estátua dela foi destruída pela sua empresa."

"A Vishkar quer que as coisas melhorem para todos." As palavras saltaram de sua boca rapidamente, de forma automática. "Eu participei de diversos projetos que melhoraram vidas oferecendo casas, água limpa, hospitais*." Retiros de luxo. Clubes exclusivos. Condomínios com preços tão altos quanto os arranha-céus onde estavam instalados*...

"Tenho certeza de que sim", respondeu Zenyatta. "No entanto, é possível ajudar as pessoas de várias formas."

"É importante que vocês fiquem contentes." Por via das dúvidas, ela mencionou as sugestões de Sanjay. "Talvez um centro de retiro. Ou um templo completamente novo."

"Nossas portas estão abertas para todos os visitantes, é claro", atestou Zenyatta, olhando não para ela, mas para a estátua em ruínas. "Contudo, na jornada da minha vida, vi muitos lugares belos, dedicados ao espírito, se tornarem mais atrações turísticas do que locais sagrados. Aqueles que devem vir aqui virão. O caminho será pavimentado para eles, de pedra em pedra, à medida que é trilhado. Quanto a um novo templo... este ainda serve. Há energia no novo, de fato, porém há poder no antigo, Satya, ainda que ele seja frágil. Em estado de meditação profunda, quase podemos ouvir os sussurros das miríades de vozes que passaram por aqui nos últimos mil anos."

Sinta o cheiro do incenso, oferecido com amor por muitas mãos.

Um som delicado interrompeu os pensamentos de Satya. “Ah!”, exclamou Zenyatta. “Hora da refeição. Um ótimo começo para a sua estadia.” Ele ergueu a cabeça e decifrou com exatidão a expressão dela. “É uma pena que minha solução — você ficar aqui — a aflija. Encontramos conforto e propósito em nossa rotina.”

“Eu também”, disse Satya, acrescentando com o máximo de polidez possível, “na minha rotina, no caso.”

“Significaria muito você estar disposta a enfrentar o desconforto para abraçar este projeto inteiramente. Quem sabe você não se identifica com nossa rotina? Além de ser o oposto de atribulada, ela ocupa o corpo e preenche tanto o coração quanto a mente. Só que, antes, vamos cuidar da sua barriga.”

Assim que pisou no refeitório, Satya se deteve. O cheiro era de tamarindo e cúrcuma, cominho e cardamomo — esses e outros temperos, combinados com o incenso que permeava o templo, produziam um perfume poderosamente nostálgico. Eram coisas simples, mas compunham uma bela refeição vegetariana: arroz, legumes, verduras, queijos e leite. Os ômnicos não comiam, é claro, mas preparavam pratos maravilhosos.

“Como vocês conseguem fazer coisas tão deliciosas se não provam nada?”, quis saber ela.

“Nós descobrimos que, em algumas tradições, os sacerdotes eram proibidos de provar a comida ao cozinhar. Em vez disso, eles meditavam sobre o que servir e como preparar. Nós nos demos conta de que tínhamos adotado essa tradição. Nossos sacerdotes ômnicos estudam os ingredientes locais para entender como eles afetam os humanos. Então, pedimos orientações a respeito de como usá-los.”

“Levando isso em conta, é surpreendente que não seja péssimo.”

“Nossos primeiros convidados também se surpreenderam”, observou Zenyatta, caindo na risada. Ela gostava da risada dele; do fato de que ele era capaz de rir de forma tão franca, de si ou do absurdo das outras coisas.

“Fale mais sobre a sua fé.”

Ele inclinou a cabeça. “Como você sabe, Aurora desejava conhecer o mundo e descobrir qual era o lugar dela. Descobrir quem ela *era*.”

“Muitas fés giram em torno da busca por iluminação”, afirmou Satya.

“É uma busca que está em nossos corações. Ao se sacrificar, Aurora transcendeu esta existência, este modo de ser, e nós nos empenhamos em imitar a experiência dela por meio da meditação.”

“O que aconteceu com ela?”

Zenyatta hesitou por um momento. “Somente as poucas pessoas que estavam fisicamente com ela testemunharam o que ocorreu. Com o tempo, como não poderia deixar de ser, o mistério se tornou cada vez maior. Dizem que ela foi absorvida por uma luz dourada, grandiosa. Ela se *amplificou*. O que buscamos é chegar a esse lugar, alcançar esse nível de existência, ao qual damos o nome de Íris. Lá, todos somos um só.”

“É tudo muito confuso. Eu quero saber mais.”

“Você saberá. Assim que você terminar de comer, eu lhe mostrarei mais.”

Quando Satya terminou, Zenyatta a levou a outra parte do templo. Lá, sob a luz bruxuleante de incontáveis velas, havia um baixo-relevo do momento da Transcendência de Aurora.

Os olhos de Satya ficaram fixos nele. Diferentemente da estátua original, esta representação tinha oito braços. Duas mãos estavam unidas sobre o coração, o que em muitas culturas simboliza amor e respeito, por si e pelo universo. As outras pareciam se dirigir a pequenos orbes. Atrás da figura havia uma esfera muito maior. Levada pela curiosidade, Satya deslizou os dedos pela pedra fria e áspera.

O monge ômnico se inclinou para tocar delicadamente a imagem de Aurora. “De um, vários.” Zenyatta apontou para os braços. “Todos somos *muito* mais que uma simples unidade. E muitos...”, disse ele deslizando o dedo de volta para a figura sentada, “podem se tornar um.”

“Na Íris, todos vocês se tornam um só”, sintetizou Satya com uma voz muito suave.

“Exato.”

“TODOS SOMOS
MUITO MAIS QUE
UMA SIMPLES UNIDADE”

Quando chegou hora de se recolher, Satya foi levada para uma das pequenas construções externas, que ficava ao lado de um espelho d'água ornado por vários lótus. Lá, deram a ela uma esteira simples e uma túnica do templo dobrada. Ela a observou por um instante. Tanto já havia mudado; ela queria manter controle sobre o que fosse possível. Era preciso honrar as tradições do templo, mas ela relutava profundamente em mudar sua aparência. Além disso, ela dissera a Zenyatta que não estava lá como peregrina.

No entanto, o dourado e a cor de ferrugem a cativavam, e a textura do tecido era agradável. Satya sabia o que tinha que fazer.

Na manhã seguinte, Zenyatta a recebeu afetuosamente quando ela adentrou o santuário para passar o dia no templo. "Fico feliz por você estar usando a túnica", disse ele.

"Eu não queria", confessou Satya, "mas senti que precisava mostrar que quero mesmo ajudar."

"Ah", respondeu Zenyatta, "disso eu nunca tive dúvida."

Os dias transcorriam de uma forma que, no começo, incomodou Satya. Ao se levantar, ela e os peregrinos ajudavam os sacerdotes a limpar o santuário principal, recolhendo escombros menores, depois varrendo o lugar. Satya soube que uma equipe chegaria em alguns dias para retirar os destroços maiores, muito mais pesados.

O restante era limpo com água, e flores eram espalhadas por toda parte. Os peregrinos faziam o desjejum e se sentavam em almofadas. Quando os acompanhou pela primeira vez, Satya esperava que os sacerdotes fossem lhe pedir que meditasse. Era uma prática que já havia tentado, mas com a qual tivera muita dificuldade. Ficou surpresa quando deram a cada peregrino uma esfera metálica que cabia na palma da mão.

"Essas são as esferas que usamos para meditar", esclareceu Zenyatta.

"São iguais às do baixo-relevo."

Ele assentiu. "Para você... o Orbe da Percepção."

"Para eu poder enxergar melhor do que vocês precisam."

“Hmm”, reagiu ele, sem concordar nem discordar. “Passe o orbe de uma mão para outra. Concentre-se no peso dele, na sensação que produz. Em como ele se move.”

Logo, a refeição do meio-dia foi servida; depois, mais tarefas, mais meditação com os orbes e, por fim, dormir.

A certa altura, ainda nos primeiros dias, Satya percebeu que seu corpo se habituara à esteira fina no chão de pedra. A túnica se tornara confortável, familiar, e ela gostava de como o tecido tocava suavemente sua pele. Quando sentia ansiedade e, com ela, a vontade de mudar de posição ou fazer algo com as mãos, ela se concentrava no orbe, passando-o de uma mão para a outra. Seu apetite, que parecia maior do que nunca, a intrigava, então ela perguntou a Zenyatta sobre isso.

“Você está prestando atenção ativamente a isso”, respondeu ele. “Assim como está prestando atenção aos rituais, às meditações com o orbe, às tarefas do templo.” O monge riu. “Às nossas conversas.”

No quarto dia, ela acompanhou os sacerdotes até o vilarejo, onde dariam de comer a quem tivesse fome. Enquanto preparava pratos perfumados de lentilha e arroz, Satya observava como Zenyatta e os outros ômnicos interagiam com os aldeões. Todos pareciam genuinamente contentes em ver os sacerdotes. Havia muita conversa: sobre o templo, sobre a Íris, sobre como estavam os amigos — a população claramente considerava os sacerdotes seus amigos. No começo, também havia muitas caras feias, expressões repletas de raiva mirando Satya, comentários desagradáveis feitos de modo que ela pudesse ouvir.

Zenyatta, ouvindo o que as pessoa diziam, veio ficar ao lado dela. Sem dizer nada, ele apenas se pôs a preparar pratos com Satya. Os olhares abrandaram. Satya não se ofendia com as reações, mas ficou agradecida pelo apoio tácito de Zenyatta.

Depois, após a meditação da tarde com os orbes, Zenyatta pediu a Satya para ficar quando os outros partiram. Ela se acomodou apreensivamente na

almofada. Sempre que via os escombros do que um dia fora a estátua, ela sentia vontade de fazer algo.

“Gostou dos trabalhos de hoje?”, quis saber Zenyatta.

“Sim”, respondeu Satya. “Apesar de ser muito difícil ver tanta gente com fome.” Mais uma vez, ela se lembrou da própria infância.

Zenyatta assentiu taciturnamente e suspirou. “O que aconteceu depois que aquelas pessoas comeram? E enquanto comiam?”

“Elas conversaram. Compartilharam. Elas... riram.” Ela sabia que havia muito o que temer. Muito ressentimento. Muita raiva. Ainda assim, aquelas pessoas riram.

“A comida é feita com afeto e oferecida de graça. Eles não têm que nos dar dinheiro, tampouco compartilhar da nossa fé. Não importa. Nós nos conectamos.” Zenyatta apontou na direção da estátua. “Temos feito isso desde que Aurora passou por aqui, muitos anos atrás.”

“Elas estão... alimentadas”, disse Satya. Com os dedos, ela passava o Orbe da Percepção de uma mão para outra, tentando acompanhar os pensamentos que a inquietavam. “Não só pela comida.”

“Há muitas formas de saciar a fome, Satya.”

“A comida é o mais importante”, disse ela em tom pragmático.

“De fato”, concordou Zenyatta. “Com o corpo são, a mente fica mais livre. Aberta. Pronta para aprender e se transformar.”

O orbe nas mãos dela era liso, suave. Ela voltou os olhos para ele. “Os arquitetos de luz sólida... Nós concentramos o que sentimos e tornamos concreto. A maioria de nós o faz com movimentos precisos. Exatos. É louvável. Mas, ao mesmo tempo... eu sempre achei muito difícil sentar e permanecer imóvel.” O orbe passava de uma mão para outra. “Para criar... Eu danço. Uso passos de Kathak. Quando era pequena, sempre que ficava agitada, eu dançava para me acalmar. A meditação com isso”, ela olhou para o orbe, “também me acalma.”

Satya evitou encará-lo; ela raramente falava do aspecto pessoal de seu ofício. “Bem”, acrescentou ela, “eu uso o que *lembro* da dança. Meus passos estão longe da perfeição.”

“Você dança para criar com a luz”, disse Zenyatta. “Você manipula a realidade, Satya, produz arte com um propósito. A arte perfeita é estéril. A verdadeira é como tudo que é real... falha, sim, e gloriosa justamente pelas falhas que contém. Assim como nós.”

Ele prosseguiu com um tom cálido na voz metálica. “Existe uma filosofia estética japonesa chamada *wabi-sabi*. Essencialmente, ela diz que as imperfeições devem ser aceitas e apreciadas. A natureza não é perfeita. Por isso, a arte também não deve ser. Há, inclusive, uma forma de arte que nasce dessa filosofia: o *kintsugi*. O termo significa ‘emenda dourada’. Quando uma cerâmica se quebra, os cacos são unidos e religados com ouro.” Zenyatta voltou os olhos para ela.

“O *kintsugi* nos pede para vermos as coisas com outros olhos. Em vez de esconder, nós celebramos o que se quebrou. Sua paixão pelo que você faz eleva a arquitetura para muito além do simples construir. Sem defeitos, uma casa não passa de uma construção. São as falhas e as alegrias que fazem dela um lar. Seus passos de dança podem ser imperfeitos, mas imaginação, criatividade... Nada disso fica em desarmonia se houver fé. Eles são *expressões* das suas convicções. Há, inclusive, uma história que diz que o próprio universo se originou de uma... *dança*.”

Satya não tinha idade para compreender fé e religião antes de ser selecionada pela Corporação Vishkar e treinada para ser arquiteta de luz sólida. Como ela gostaria de ter ouvido essa história antes.

“É esplêndido, Satya”, prosseguiu Zenyatta com uma voz suave, quase reverencial. “É muito alvissareiro que você tenha escolhido vir aqui, ajudar a restaurar um lugar sagrado. Você já toca o sagrado.”

Satya nunca tinha se sentido tão compreendida. Tão vulnerável e, ao mesmo tempo, tão forte. Ela queria gritar, gargalhar, dançar, chorar, cantar... mas não fez nada disso. O que ela fez foi conter as lágrimas, acenar com a cabeça

em agradecimento a Zenyatta e voltar os olhos para os fragmentos da estátua, enquanto o Orbe da Percepção fluía entre suas mãos. Agora ela compreendia por que Zenyatta escolhera justo este orbe. A percepção significava compreensão, sim... mas a compreensão por meio dos sentidos. A suavidade do orbe. O cheiro do incenso. O sabor da comida preparada com todo o esmero. O som de vozes suaves, a visão de coisas belas.

"Acho que", sussurrou ela, "sei o que fazer. Só não sei se há tempo. Nós temos que começar agora mesmo."

"Nós?"

"Sim. União", disse ela. Subitamente, Satya se deu conta de que sorria.

Depois de dedicar quase todo o tempo restante de sua estadia àquilo, Satya enfim estava pronta para o que Sanjay chamava de "inauguração", ainda que não se tratasse exatamente disso. Quando começou a se aprontar para o grande evento, ela fez menção de pegar o uniforme corporativo roxo e branco com que viera. Porém, ao ver a túnica dourada e ferrugem da estadia, ela se deteve.

Zenyatta estava à sua espera para acompanhá-la até o pátio. Quando ela chegou, ele se surpreendeu.

"Mas... você não é peregrina", disse ele, referindo-se à túnica do templo que ela vestia.

"O que é um peregrino senão alguém que embarca em uma jornada a um lugar sagrado?" respondeu ela, fazendo referência às palavras que ele mesmo proferira. "Eu não pretendia ser uma, é verdade. Porém... aqui estou eu. Esta", disse Satya apontando para a túnica, "é a mulher que conheceu Aurora. Esta é quem eu quero ser ao apresentar meu trabalho para o mundo. Talvez eu acabe sendo mais e mais ela, de agora em diante. Você me ensinou que há muitas coisas sagradas no mundo, por mais que elas pareçam comuns. E há sempre mais a aprender, principalmente de bons mestres."

Satya não esperava aprender a detectar as mudanças sutis que expressavam as emoções ômnicas. No entanto, ela *sentia* — não havia outra palavra para isso — que Zenyatta estava profundamente comovido.

Os dois estavam lado a lado no mesmo pátio em que o sarpanch Ranesh Grewal a admoestara apenas uma semana antes. Ele também estava lá, acompanhado de sacerdotes, peregrinos, moradores e toda a gente. Seus olhos ainda transpareciam uma grande desconfiança.

"Bem", disse uma voz amistosa. "Nada de retiro, então." Satya se virou, surpresa por Sanjay ter vindo pessoalmente ao evento.

"Você vai ver", disse ela.

Sem tirar os olhos dela, ele assentiu com a cabeça. "Tudo bem. Tamir, o relações públicas, está a postos para desfazer qualquer estrago."

"Não acho que vamos precisar."

"*Alguém* vai ter problema com *alguma coisa*; é sempre assim, como você bem sabe."

Ele tinha razão, mas Satya não estava preocupada. "Eu pesquisei a fundo e estou confiante no meu projeto." Ela se virou para encarar o grupo. "Venham comigo", foi tudo o que disse.

Satya conduziu o grupo pelo corredor, ouvindo a multidão murmurar ao perceber as linhas douradas nas paredes e no teto, nos lugares onde antes havia frestas e rachaduras. Nas fraturas, nas fendas, nas fissuras. Os lugares feridos. Agora, restauradas, uma luz cor de mel as cobria. Elas não estavam escondidas, mas à mostra para quem quisesse ver.

Kintsugi. Emenda dourada.

Há energia no novo, porém há poder no antigo.

Sangue nas veias. Correntes elétricas. Tendões que unem todas as coisas.

O grupo permaneceu em silêncio enquanto se dirigia para a entrada do santuário. Satya se deteve diante dele e respirou fundo.

"A Corporação Vishkar assume a responsabilidade pelos estragos causados inadvertidamente a este templo", anunciou ela. "Eu fui convidada por Tekhartha Zenyatta para ficar e aprender sobre a história e a fé dos ômnicos. Sobre Aurora. Vocês são testemunhas dos cuidados que dediquei ao templo. Agora, vou mostrar o que depreendi dos ômnicos, do povo de Suravasa, de Aurora e de seu templo."

Como vejo Mondatta. Arte.

Como vejo... eu mesma.

Somos todos um na Íris. Ela mesma havia, de certa forma, se tornado uma só com outras pessoas nos últimos dias. A estátua de Aurora não fora reformada apenas por ela. Conversando com aqueles que se apresentaram para remover os escombros, Satya os convidara a ajudá-la na restauração da escultura. Eles, os sacerdotes e peregrinos, trabalharam lado a lado com ela, que se empenhava em restaurar com luz sólida o que havia se partido.

Com isso, a estátua não foi substituída. Ela foi transformada.

O sol a banhava em ouro líquido. Os grandes fragmentos que se soltaram devido à negligência da Vishkar estavam unidos por filetes de luz áurea. Um colar dourado marcava a junção entre a cabeça e o pescoço. A luz sólida também abrilhantava as dobras danificadas nas vestes, além de religar os dedos das mãos que voltaram a se unir em devoção.

O conceito de unicidade da Íris tocara Satya. No entanto, a história da transcendência de Aurora a tocara ainda mais. Seu trabalho ainda não estava terminado. Ela ergueu os braços, se posicionou e começou a criar.

Suas mãos se alçavam no ar, as pontas dos dedos sentindo, tocando, puxando.

O orbe passando de uma mão para a outra sem parar.

Alterando a percepção.

Esticando o fio de luz dourada entre os dedos, enrolando linhas radiantes em uma bola, Satya pensou no maravilhamento que Aurora experimentara; no assombro e no desconforto, no grande amor que havia permitido à primeira ômnica abrir mão de sua própria vida, única e preciosa, em prol de seus iguais. Agora, Satya também se entregava à sua arte, à sua paixão — à dança da criação.

Seus movimentos eram velozes. Oito pequenos orbes surgiram, um para cada um dos delicados braços que se formavam feito sombras tornadas ouro, e dois acima da cabeça da estátua, um de cada lado. Um par de braços se estendia para baixo. *Para erguer os outros.* O par do meio se abria. *Para abençoar e acolher os peregrinos.* As duas mãos que restavam uniam as palmas acima da cabeça, reproduzindo a posição das que cobriam o coração. *Unicidade.*

Falta uma coisa.

Para encerrar, ela começou a tecer a luz em filetes tão delicados que, enquanto os utilizava para envolver a estátua, eles se tornavam quase transparentes; de tão finos, quase desapareciam sob a pesada base. Anéis que pareciam feitos de chamas os cobriam, circundando a estátua com um orbe imenso e fulgurante. Satya ergueu as mãos. Um sobressalto ecoou no santuário quando a imensa estátua começou a se desprender da base em forma de lótus, erguida pela esfera dourada de luz sólida.

Satya ofegou profundamente e abaixou os braços.

Primeiro, um silêncio sepulcral... depois, um leve farfalhar de murmúrios. Pouco a pouco, as pessoas foram se aproximando da estátua que flutuava envolta no orbe de luz sólida, banhando-se no resplendor que emanava dele.

“Senhorita Vaswani?” Ela se virou na direção da voz. Sarpanch Grewal sorria ao lado dela. “Eu lhe peço perdão. Fiz um mau julgamento de você. Não poderia ter ficado mais perfeito.”

“Poderia, sim”, respondeu Satya. “A questão é exatamente essa.”

Perplexo, Grewal observou ela fazer um sinal educado com a cabeça e se afastar por entre as pessoas. Para ela, já era proximidade demais.

Zenyatta, que a esperava do lado de fora, deu a ela uma caixinha. “Para você se lembrar de nós.” O objeto exalava um perfume. Era incenso.

“Obrigada”, disse ela. “Nada poderia ser melhor.”

“Você será sempre bem-vinda aqui”, declarou o ômnico. Para Sanjay, que se aproximava, ele disse, “A cada alvorada, temos uma nova chance de escolher nosso caminho. Espero que a Corporação Vishkar possa ver isso, agora.” Depois, se curvou e voltou para o pátio.

Os olhos de Sanjay o acompanharam. “O que você fez”, disse Sanjay, voltando-se de novo para Satya. “Não era o que eu esperava.”

“Você ficou decepcionado?”

Ele sacudiu a cabeça e franziu o cenho, mas não com raiva. Na verdade era... estupefação? “Na verdade, não. Eu mandei você dar a eles o que quisessem. Bem... foi o que você fez. Ficou lindo, Satya. Ficou perfeito. Só não entendi por que você escolheu luz amarela em vez de azul.”

“Foi como o momento foi descrito para mim”, respondeu ela. “Além do mais, azul é uma cor linda, mas é fria. Este templo é dedicado ao maior ato de amor possível: o sacrifício próprio. E o amor... é *quente*.”

Todos olhavam para ela e sorriam; Sanjay percebeu.

“Ao que parece, você deixou uma parte sua aqui. Vai sentir falta deste lugar?”

“Vou sentir falta de estar com pessoas que pensam quase igual a mim”, admitiu Satya. “No entanto, aprendi que não precisamos compreender como alguém pensa para respeitar essa pessoa.” *Ou até amá-la*, pensou ela, *ser amiga dela*. “Para mim, basta saber que esse templo está aqui. Assim.”

O caminho será pavimentado para eles, de pedra em pedra, à medida que é trilhado.

Ela se virou na direção de Sanjay. “É assim que temos que nos relacionar. Com respeito. Como amigos bem-vindos. Ser compreensivos... e compreendidos. Há muitas coisas que a Vishkar pode fazer aqui... mas ela precisa saber *como* fazer.”

Sanjay parecia perplexo. Ele se virou novamente para ver a estátua brilhante. Ela ainda era a mesma, porém muito diferente.

“Acho”, disse Sanjay Korpal com uma voz suave, quase surpresa, “que talvez você tenha razão.”

BLIZZARD®
ENTERTAINMENT

© 2020 Blizzard Entertainment, Inc.
Todas as marcas comerciais aqui mencionadas
pertencem aos seus respectivos proprietários.